



BRONCO ANGEL,
O COW-BOY ANALFABETO

FERNANDO ASSIS PACHECO

bronco angel,
o cow-boy analfabeto

Edição e prefácio de Carlos Vaz Marques

L I S B O A
TINTA-DA-CHINA
M M X V

Esta novela foi originalmente
publicada no jornal humorístico *O Bisnau*,
entre Março e Outubro de 1983.

© 2015, Herdeiros de Fernando Assis Pacheco
e Edições tinta-da-china, Lda.
Rua Francisco Ferrer, 6A
1500-461 Lisboa
Tels.: 21 726 90 28 / 29 / 30
info@tintadachina.pt
www.tintadachina.pt

Ilustrações: © João Fazenda

Título: *Bronco Angel, o cow-boy analfabeto*
Autor: Fernando Assis Pacheco
Edição e Prefácio: Carlos Vaz Marques
Revisão: Tinta-da-china
Composição: Tinta-da-china
Capa: Tinta-da-china (V. Távares)

1.ª edição: Novembro de 2015

ISBN 978-989-671-285-3
Depósito Legal n.º 399979/15

Índice

<i>Prefácio</i>	9
Porradões na cabeça	15
Os verdes anos	19
Meu Deus, outra escola!	23
Entra o E.T. em cena	27
Perseguido pelo Olho Vivo	31
Um cavalo chamado mula	35
J.R. recebe-me em Dallas	39
A sós com Ronnie, na Casa Branca	43
A minha vida leva uma volta	47
Manias do xefe	51
Búfalo Poia em todo o seu esplendor	55
Búfalo Poia só faz confusão	59
Um conto de fardas	63
Cavalos, índios e outras bocas	67
Porque me tornei caixadoclos	71
Afinal sou inteligente!	75
Volta Jimmy Cicatriz!	79
Alguns momentos maus	83
Crónica de um «colt» anunciado	87

Como derrotámos os índios forasteiros	91
Os Lukaspiris vêm à bebida	95
Pomadas, danças e papéis	99
O acordo com a indiada	103
Olha a Conspiração!	107
Atritos com a Justiça	111
A edição do edital	115
Como eu acabei por ir para Connecticut da Tia	119
As penúltimas horas dum xerife	123

PREFÁCIO

por Carlos Vaz Marques

Fernando Assis Pacheco não foi de cultivar vocação para estátua. A empáfia provocava-lhe fernicoques. É escusado procurar nele grandes proclamações. «Peçam a grandiloquência a outros / acho-a pulha no estado actual da economia.»

Martelando apenas com um dedo a velha Olivetti Lettera 32, de teclado agá-césar, sacou dela versos e breves, reportagens e notas de leitura, prosa urgente e poesia sem receita. Misturou tudo numa peculiaríssima confecção: a *gravitas* e o riso, o decisivo e o desimportante, o vernáculo e as palavras-de-sete-e-quinzentos.

Assis Pacheco levou sempre extraordinariamente a sério aquilo que fazia, incapaz de uma frase banal, mesmo na mais banal página impressa, destinada a embrulhar peixe no dia seguinte. Isso e o avesso: Assis — «o Assis», como era tratado por todos — não se levava minimamente a sério, sabendo dolorosamente que tudo é transitório. Um *sic transit gloria mundi* aprendido na guerra, onde a morte («morte merdeira / coisa ruim de cinza e névoa e cinza») lhe ensinou que o importante é «cuidar dos vivos».

De uma forma ou de outra, quase tudo é riso em Fernando Assis Pacheco. Fazer troça da própria dor pode ser um poderoso

analgésico. Uma pessoa sofre, uma pessoa comove-se, uma pessoa chora, mas no instante em que o sofrimento ameaça tornar-se autocomplacência é altura de sabotar a mariquice com uma boa gargalhada. A farsa é capaz de ser a arma mais eficaz de que dispomos perante a tragédia. Ou, pelo menos, a melhor maneira de lhe empatarmos o passo, já que o resultado final está escrito de antemão.

Também Bronco Angel passou a vida, desde o primeiro capítulo, a levar «porradões na cabeça» e nem por isso esmoreceu. Ele aqui está, impecável, mais bem vestido do que nunca, depois de anos e anos soterrado nas prateleiras da hemeroteca.

Fernando Assis Pacheco publicou esta narrativa (agora reunida em livro pela primeira vez) no semanário satírico *O Bisnau*, durante o ano de 1983, sob o pseudónimo — jocosamente literário — de William Faulkingway. O intuito programático por detrás deste divertimento, podemos encontrá-lo numa frase escrita noutra ocasião, a respeito de um outro texto, mas onde está definida por inteiro, com verve e veemência, a rejeição do sacro respeitinho por uma escrita bem comportada: «Literatura-literatura, bah! Viva o português de quatrocentas calhoadas ao minuto, que é por onde respiro!»

O Bisnau, dirigido por Afonso Praça, teve uma existência tão breve quanto a da insólita personagem do cowboy analfabeto. Nascido em folhetim, de pai incógnito, Bronco Angel é a mais viva ilustração da faceta de autor faceto que coabitava, em Assis Pacheco, com as suas outras dimensões literárias. Para além da notável poesia, da «noveleta» *Walt* e do belíssimo romance *Trabalhos e Paixões de Benito Prada*, a obra de Assis Pa-

checo – escritor múltímodo – é hoje quase por completo desconhecida.

Com este livro, a Tinta-da-china inicia a publicação de toda a obra de Fernando Assis Pacheco: o poeta, o ficcionista e o jornalista. Ou seja, temos pela frente um longo trabalho na recuperação de textos implacavelmente devorados pelo tempo. Apesar de árdua, a tarefa é entusiasmante. Como Fernando Assis Pacheco deixou escrito no primeiro verso de um belo soneto: «Os trabalhos de amor são os mais leves.»

**bronco
angel,
o cow-boy
analfabeto**

PORRADÕES NA CABEÇA



Eu nasci de catorze meses, que é assim um bocado prematuro ao contrário, e foi por causa que a minha mãe não queria alcançar mas depois distraiu-se e o meu pai disse:

«Olha, se for rapariga chama-se Custódia», mas nasci eu.

Quando eu nasci a parteira olhou muito para mim e exclamou:

«Este moço é mais feio do que uma embalagem de fósforos de cozinha!»

Isto são coisas que eu ouvi contar e não ligo, porque realmente se fosse a ligar emigrava mas era para o Alasca e nunca mais punha os pés em Crow Junction, ora essa. A parteira nem levou dinheiro pelo serviço, ficou cheia de pena. Diz-se que disse à minha madrinha:

«Mais valia ter nascido de sete meses para vocês se irem habituando. Agora de catorze...»

O certo é que em pequenino não fui feliz nem infeliz, antes pelo contrário. Como todos os putos, roubava marmelada das tigelas e apanhava porradões na cabeça. Deve aliás ter sido disso que saí para o chocho. Ah, mas eu pelava-me por marmelada! Mais tarde, quando subi a xerife, assinei logo um mandado de



bronco angel, o cow-boy analfabeto

foi composto em caracteres
Hoefler Text e impresso pela
Guide, Artes Gráficas, sobre
papel Coral Book de 90 g,
em Outubro de 2015.